

aquela meada da existência histórica que tem significado verdadeiramente universal e continuidade temporal. As conquistas racionais (os elementos técnicos, como as idéias científicas em que se baseiam), apesar de ocasionais retardamentos, são transmitidos de etnia a etnia de forma contínua. Graças à validade universal das soluções, existe, pois, um progresso real no terreno civilizatório.

Certos elementos da matemática, a escrita e a burocracia egípcias são os precursores ainda poucos diferenciados das nossas conquistas modernas, ao passo que a arte das suas pirâmides e os processos da sua história administrativa, como singularidades de épocas remotas, não experimentaram nenhum desenvolvimento ulterior.

Weber aplica a tríade dos princípios de uma Sociologia da história e da cultura à cultura do antigo Egito. E verifica-se que êsses conceitos têm o mérito de abrir novas perspectivas e de levantar novos problemas.

A temática do livro ocupa um lugar central nas Ciências Sociais e na Filosofia Social. O autor discute problemas intimamente ligados aos nomes de Hegel, Marx, Spencer, Spengler, Toynbee, sem, no entanto, competir com a envergadura das consagradas obras dêsses autores. As exposições de Weber, o rigor com que propõe os problemas, a consciência de proporção com relação aos métodos que emprega e a acribia do seu aparelhamento conceitual produzem, de certo modo, esclarecimentos definitivos, embora parciais, dos complicados problemas que aborda. Ao visar à "análise da estrutura e essência" da história, abstendo-se expressamente da "interpretação do seu sentido", Weber destaca nitidamente a sua pretensão das iniciativas de Hegel e Marx; tomando consciência, por via sociológica, dos limites dêsse seu procedimento em comparação com as indagações centrais do homem em face da história, supera o horizonte restrito de uma Sociologia perdida em si própria; ao construir o compasso ternário dos seus princípios fundamentais, aprimora os conceitos que lhe servem de instrumentos de trabalho. A coragem com que realiza o confronto de suas idéias com as de seus famosos predecessores proporciona um quadro de extraordinário vigor intelectual. E pode-se dizer que logrou fazer a "soma" crítica dos conhecimentos relativos a uma problemática que há século e meio vem merecendo a atenção de grandes pensadores.

*E. A. von Buggenhagen*

WILHELM SCHMIDT: *Das Mutterrecht*. (Studia Instituti Anthropos, vol. 10), 186 págs. Viena-Mödling, 1955.

Nesta obra póstuma aparecem mais uma vez as grandes qualidades do mestre da síntese Pe. Schmidt, que sabia formar com perfeição, dum material vasto, colecionado com zêlo incansável e interpretado com perspicácia aguda, uma imagem grandiosa do matriarcado, que é um dos mais interessantes fenômenos da história humana.

Depois de breve resumo teórico, o autor desenvolve a história do matriarcado, em cuja fase inicial, no matrimônio de visita (*Besuchsehe*), baseado no progresso econômico realizado pela mulher através da invenção da agricultura e nos direitos de propriedade por ela alcançados sobre casa e lavoura, as relações entre espôsa e marido, que, como membro da família da própria mãe, fica excluído da família da espôsa, a vida conjugal se limita a visitas esporádicas, geralmente noturnas, na casa da espôsa.

Segue-se a fase do matriarcado clássico, perfeito, e completo, caracterizado pelo matrimônio matrilocal, onde o marido muda para a famí-



lia da espôsa, ficando, entretanto, nela um estrangeiro sem direitos e obrigações (*matrilokales Mutterrecht*).

As duas fases seguintes mostram o matriarcado em decadência, quer entregando os privilégios maternos (de propriedade, de educação, de transmissão hereditária) ao irmão da mãe, masculinizando o matriarcado e fazendo da mulher escrava do trabalho (*vermännlichtes Mutterrecht*), quer substituindo a obrigação à matrilocalidade por serviço pré ou pós-nupcialmente prestado aos pais da espôsa, e dando ao marido a liberdade de escolher onde morar com a espôsa (*Dienstehe*).

Uma questão sobre a qual o Pe. Schmidt meditou bastante é a origem, seja geográfica, seja cronológica, do matriarcado. Julga haver encontrado o lugar do matriarcado mais antigo nos vales estreitos do sueste da Ásia, conhecidos por chuvas extremamente intensas, causas duma vegetação exuberante, onde ainda hoje se encontram os povos clássicos do matriarcado. Entre os argumentos em que se apóia a cronologia do fenômeno matriarcal, cuja origem se situa no fim do paleolítico superior ou no comêço da época pós-glacial, encontram interêsse particular os tirados da mitologia que possibilitam comparações com povos da América do Norte e da Ásia Setentrional.

Questões de sociologia são abordadas nos dois capítulos "Mutterrecht und Familie" e "Mutterrecht und Staat". O matrimônio de visita tem conseqüências negativas para os membros da família: nele não há verdadeira comunidade entre os cônjuges e o espôso, que é apenas progenitor, perdendo tôda a importância para a vida familiar e a educação dos filhos. Na fase clássica do matriarcado, que dá à mulher um grau de prestígio jamais alcançado, a espôsa impõe-se mais ainda ao marido; exige dêle monogamia absoluta ou abusa da sua posição social elevada, rompendo o vínculo matrimonial por qualquer capricho e entregando-se a uma liberdade sexual que muitas vêzes não é mais do que poliandria ou prostituição disfarçada.

Com o matrimônio de serviço, no qual a matrilocalidade é substituída por serviços prestados aos pais da espôsa, coincide o comêço da cultura dos cereais, principalmente do arroz aquático, que, superando as fôrças femininas pela extensão da lavoura e pelo emprêgo de novos métodos e instrumentos, faz do homem novamente o centro da economia. O desaparecimento da matrilocalidade finalmente leva à divisão da tribo em duas metades, à formação de duas classes de casamento, cujas raízes já são encontradas no matriarcado clássico; conduz à transição da exogamia para a endogamia local.

No capítulo "Mutterrecht und Staat" o autor prova que houve verdadeiros, ainda que poucos, casos de govêrno ocupado ou ao menos controlado por mulheres. Embora a fôrça social da mulher, mais estreitamente ligada à família, seja fraca, não lhe falta capacidade para dirigir e governar comunidades maiores. Como se vê principalmente no manismo e no xamanismo, as funções religiosas conservam-se durante muito mais tempo nas mãos femininas do que os poderes políticos.

No capítulo que define a posição dos homens no matriarcado o autor fala de dois representantes do sexo masculino que têm importância para a mulher: o irmão e o marido. Dêles o principal é o irmão, que, como membro da mesma família, substitui a mulher no matriarcado masculinizado. O marido, querendo finalmente sair da sua posição de nulidade e inferioridade social, e não encontrando na sociedade um auxílio eficaz, organiza por meio de sociedades secretas, acessíveis apenas aos homens,



uma oposição coletiva com a finalidade de quebrar o matriarcado e dominar as mulheres.

E' preciso mencionar ainda certos fenômenos relacionados de modo especial com o matriarcado e que parecem incompatíveis com a mentalidade feminina: a guerra e a caça de cabeças. Atrás dêles está a idéia de que o sangue dá fertilidade. Precisando do elemento fertilidade para a lavoura, a mulher exige sangue, principalmente por meio de cabeças, consideradas suas portadoras especiais; os homens, por seu turno, têm, assim, uma ocupação adequada. O sangue, desde o começo ligado com ritos de vegetação, tornou-se mais tarde importante prova de virilidade e fator de fecundidade humana.

Schmidt retifica o juízo de Bachofen sobre o matriarcado, que não constitui a primeira verdadeira civilização, como afirma o autor suíço, e que inclui entre seus elementos não poucos de valor negativo para o indivíduo, a família e a sociedade.

Estudando um complexo cultural que abrange todos os continentes, o livro de Schmidt é característico para a escola etnológica de Viena. De valor particular são as pesquisas minuciosas de difusão, quer de todo o complexo cultural, quer de seus elementos. Sem deixar despercebida a incerteza de certas conclusões e de não poucas ininterpretações, vejo na obra uma contribuição de valor permanente por causa do vasto material colecionado e da tentativa de pô-lo em ordem e de dar-lhe seu lugar na história do gênero humano.

*Pe. Guilherme Saake, S.V.D.*

J. HAEKEL, A. HOHENWART-GERLACHSTEIN e A. SLAVIK (ed.): *Die Wiener Schule der Völkerkunde — The Vienna School of Ethnology*. Festschrift anlässlich des 25-jährigen Bestandes des Institutes für Völkerkunde der Universität Wien (1929-1954). 568 págs., com 11 pranchas, 21 ilustr. no texto e 2 mapas. Verlag Ferdinand Berger, Horn-Viena, 1956.

Nos 25 anos de sua existência, o Instituto de Etnologia da Universidade de Viena conquistou um lugar de honra entre os congêneres de todo o mundo, tanto por suas contribuições no setor da metodologia científica como pelas numerosas e importantes pesquisas de campo realizadas sob o seu patrocínio. A base para o notável incremento que tomou lhe foi fornecida pela atividade docente do Padre Wilhelm Schmidt, professor de personalidade marcante e um dos fundadores da chamada escola histórico-cultural.

O presente volume comemorativo se abre com sucinto histórico do instituto, acompanhado de uma relação das 97 teses de doutoramento em Etnologia aprovadas pela Universidade de Viena neste quarto de século. Seguem-se mais de trinta trabalhos científicos, uns de ordem geral, outros relativos a assuntos etnológicos de tôdas as partes do mundo. Do conjunto se destaca substancioso estudo de Josef Haekel sobre a situação atual da Etnologia de orientação histórica. E' a êste que desejamos referir-nos em particular.

E' notório que a Etnologia histórico-cultural ou difusionista se opõe à de orientação evolucionista, predominante ainda em princípios dêste século e interessada em descobrir as leis responsáveis pela evolução das culturas em geral. Uma e outra encaram a estas em sua dimensão temporal, mas, ao passo que os evolucionistas procuram compreender-lhes as semelhanças sobre a base da unidade psíquica fundamental de todos os ho-